

LÍNGUA MATERNA E RESSONÂNCIAS DA PALAVRA NA FALA DA CRIANÇA¹

MOTHER TONGUE AND WORD RESONANCES IN CHILDREN'S SPEECH

Glória Maria Monteiro de Carvalho²

Resumo: Este artigo coloca em questão o estatuto da língua materna concebida em sua função determinante da fala infantil. Importa notar que o conceito de língua materna é marcado pela heterogeneidade, isto é, implica grande variedade que, de algum modo, relaciona-se com a linha teórica a que se filia o investigador da aquisição de linguagem. Abordamos esse conceito, inicialmente, na perspectiva cognitivo-social de *modelo linguístico*, apenas com a pretensão de trazer à tona a marca de diferença da *língua materna* assumida neste trabalho a qual está articulada de modo indissociável à noção lacaniana de *lalíngua*. Essa marca consiste na *equivocidade* dos jogos sonoros que constituem a *lalíngua*, provocando rupturas nos padrões da língua. Assim, nossa proposta possui, como solo de origem, a psicanálise lacaniana que é afetada pela linguística saussuriana, o que fundamenta a tentativa de trazer à tona efeitos provocados – sobre a escuta do investigador para a fala infantil – pelo cruzamento entre noções da linguística e da psicanálise. A fim de fornecer alguma visibilidade empírica ao equívoco implicado em *lalíngua*, fazemos referência, a título de ilustração, a excertos de fala de uma criança, num momento inicial de sua trajetória linguística.

Palavras-chave: Aquisição de linguagem. Língua materna. *Lalangue*.

Abstract: This article questions the status of the mother tongue conceived in its determining role in children's speech. It is important to note that the concept of mother tongue is marked by heterogeneity, that is, it implies a great variety that, in some way, is related to the theoretical line to which the researcher of language acquisition is affiliated. We approach this concept, initially, from the cognitive-social perspective of a linguistic model, with the sole intention of bringing to light the mark of difference of the mother tongue assumed in this work, which is inseparably linked to the Lacanian notion of *lalangue*. This mark consists of the equivocality that constitutes *lalangue*, causing ruptures in the patterns of the language. Thus, such a proposal has, as its source ground, Lacanian psychoanalysis, which is affected by Saussurean linguistics, which underlies our attempt to bring to light the effects provoked, on the researcher's listening to children's speech, by the crossing between notions of linguistics and of psychoanalysis. In order to provide some empirical visibility to the misunderstanding implied in *lalangue*, we refer, by way of illustration, to excerpts from a child's speech, at an early stage of their linguistic trajectory.

Keywords: Language acquisition. Mother tongue. *Lalangue*.

Introdução

Pretendemos, neste artigo, colocar em questão o estatuto da chamada *língua materna*³ concebida em sua função constitutiva/determinante da fala infantil, ou melhor, em sua função de transformar a criança de *infans* em falante. Situamo-nos, portanto, no campo de investigação da aquisição de linguagem, numa tentativa de destacar efeitos provocados, sobre essa investigação, pelo cruzamento de noções pertencentes à linguística e à psicanálise. Parece comum, entre os estudiosos da aquisição de linguagem, a proposta de que é por meio da *língua materna* que a criança se torna falante, sobretudo, entre aqueles que privilegiam a

¹ Este texto foi escrito a partir da comunicação oral intitulada *Mother tongue and the homophony in children's utterances*, por mim apresentada no 14th IPrA Congress, no Painel *Mother tongue as the subject speaker's promised homeland: Focusing child language and clinical practice* coordenado pela Dra. Maria Francisca Lier-De Vitto e pela Dra. Lúcia Arantes às quais dirijo meus agradecimentos.

² Doutora em Linguística (pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP). Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (Professora e pesquisadora). Projeto de pesquisa na área de aquisição da linguagem. Título: "Sobre o que insiste nos jogos sonoros infantis e nas verbalizações do autista" - CNPq Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP.

³ Utilizamos, ao longo deste artigo, a expressão *língua materna* (em itálico), para indicar que privilegiamos a língua determinante/constituente das manifestações linguísticas infantis.

relação entre a mãe e a criança durante seu percurso linguístico. Costuma-se, inclusive, utilizar a expressão *aquisição da língua materna*. Assumimos, entretanto, que essa proposta não é pacífica, mas, ao contrário, implica uma complexidade que não poderia ser ignorada neste tipo de estudo. Tal complexidade, por sua vez, decorreria do fato de que a maneira como o investigador aborda o processo de constituição da fala da criança pela língua materna seria determinada pela concepção de língua materna que ele adota. Em outras palavras, a concepção de língua materna assumida, explícita ou implicitamente, pelo investigador não seria neutra, mas teria consequências sobre a sua escuta para a fala infantil, durante sua investigação da trajetória linguística da criança. Conforme indicam diversos autores (como, por exemplo, ARANTES, 2015), o uso geral da referida expressão, longe de ser homogêneo, é marcado pela heterogeneidade, isto é, implica grande variedade conceitual que, de algum modo, relaciona-se com a linha teórica a que o autor se filia. Assim, esse uso revela uma oscilação, uma carência de precisão conceitual que lhe atribui complexidade teórica com a qual o pesquisador precisa se confrontar, ao assumir a *língua materna* como eixo conceitual de seus estudos. Nessa direção, sem ignorarmos a complexidade teórico-conceitual a que nos referimos, abordaremos tal conceito, inicialmente, na perspectiva cognitivo-social de *modelo linguístico*. Nessa perspectiva teórica, recortaremos alguns estudos, a título de exemplo, apenas com o objetivo de trazer à tona a marca da *língua materna* aqui assumida a qual possui, como solo de origem, a psicanálise lacaniana (LACAN, 1975, MILNER, 2012) que é afetada pela linguística saussuriana. Em outras palavras, por meio da diferença entre duas propostas teóricas, pretendemos dar mais visibilidade à concepção de língua materna que assumimos neste trabalho, assim como tentaremos indicar consequências que se podem tirar dessa concepção no que diz respeito à escuta do investigador para a fala da criança, num momento inicial de sua trajetória linguística.

1 O modelo linguístico exposto à criança

Segundo Deutsch *et al.* (2001), “traditionally early language development has also been called the acquisition of the mother tongue. The expression ‘mother tongue’ suggests that children learn to speak through contact with their mother⁴.”

Em seguida, os autores admitem que esse contato desempenha um papel significativo no desenvolvimento linguístico inicial, mas indagam: “can we conclude that the speech of other

⁴ “tradicionalmente o desenvolvimento inicial da linguagem também tem sido chamado aquisição da língua materna. A expressão língua materna sugere que a criança aprende a falar por meio do contato com sua mãe”. (p. 288, tradução nossa)

persons is of but secondary significance for linguistic development⁵?” (p. 288). Nota-se, em tal indagação, que os autores citados já indicam a complexidade implicada no conceito em questão. Como resposta à pergunta formulada, podemos transcrever o que é colocado mais adiante: “First language acquisition depends crucially on *natural input provided by speakers* who are more proficient than the language learning child. *Without such a model*, language acquisition cannot proceed towards its target state⁶.” (DEUTSCH *et al.*, 2001, p. 309, grifo nosso)

Realçamos, nessa citação, a noção axial de *modelo* fornecido à criança. Assim, a língua falada pela mãe, comumente desempenha um papel fundamental no fornecimento, à criança, do chamado *input*, ou seja, do modelo linguístico a que a criança precisa estar exposta para se tornar falante. No entanto, nessa perspectiva, a língua determinante da fala infantil não se restringe à mãe, mas se estende àquelas pessoas que fornecem o modelo linguístico ao qual a criança precisa adaptar suas produções verbais durante seu percurso de *vir-a-ser-falante*.

Em relação à *língua determinante*, como sendo aquela que fornece o *input*, De Houwer (1995) usou a expressão *língua – ou línguas – de input*, tendo em vista em seu estudo, uma comparação entre crianças monolíngues e bilíngues. Afirma então, no tocante às futuras crianças bilíngues: “It’s the language use within the child’s individual social network that must be taken into account to determine input patterns, rather than the dominance configuration in the community at large the child’s family happens to live in⁷.” (p. 224). Alerta, entretanto, que é necessário, ao investigador, estar atento à natureza dos padrões linguísticos a que a criança está exposta, ou melhor, “to early exposure patterns”⁸, o que significa que:

It’s imperative that researchers obtain estimates from parents about the actual opportunities for early child environment interaction (...) ‘environment’ here refers to parents, others caregivers, siblings, friends, relatives – in short, any person directly addressing the bilingual-child-to-be. (p. 224)⁹

⁵ “podemos concluir que a fala de outras pessoas tem uma significância secundária para o desenvolvimento linguístico? (p. 288, tradução nossa]

⁶ “A aquisição da primeira língua depende crucialmente do *input natural fornecido pelos falantes* que são mais proficientes do que a criança aprendiz da linguagem, *Sem tal modelo*, a aquisição da linguagem não pode chegar a sua meta. (DEUTSCH *et al.*, 2001, p. 309, tradução e grifo nossos)

⁷ “É o uso da linguagem na rede individual social da criança que deve ser levado em consideração para determinar padrões de input, mais do que a configuração dominante na comunidade em que a família da criança vive”. (p. 224, tradução nossa)

⁸ “a padrões de exposição precoce” (tradução nossa)

⁹ É imperativo que o investigador obtenha dos pais estimativas sobre as reais oportunidades de interação da criança com o ambiente [...] ‘ambiente’ aqui se refere a pais, outros cuidadores, irmãos, amigos, parentes – em suma, qualquer pessoa que se dirija diretamente à vir-a-ser-criança-bilíngue. (p. 224, tradução nossa)

Assim, colocando em discussão a natureza do *input* em crianças bilíngues essa autora deu destaque à importância do *input* na aquisição monolíngue, ou melhor deu destaque à importância, na trajetória linguística da criança, de sua exposição inicial a padrões linguísticos que lhe sirvam de modelo.

Dois pontos podem, portanto, ser inferidos, desses estudos, aqui exemplificados:

- 1) Como se pode notar, ganha destaque o papel fundamental desempenhado pelo *input*, isto é, pelo modelo ou padrões linguísticos a que a criança está exposta, em seu percurso de aquisição de linguagem. Nessa perspectiva, a chamada *língua materna*, em seu estatuto de constitutiva/determinante da fala infantil, consistiria na *língua* (ou *línguas*) de *input*.
- 2) Em decorrência do primeiro ponto, deduzimos então que, nessa perspectiva, a língua determinante da fala infantil não se restringe à língua falada pela mãe, mas se estende à língua (ou línguas) falada(s) pelas pessoas do ambiente da criança desde que se detecte que ela(s) lhe fornece(m) o *input*, ou seja, o modelo linguístico. É, portanto, na língua considerada *determinante* que vai se concentrar nossa discussão.

Convém indicar que, embora os autores dos estudos exemplificados considerem a importância dos aspectos sociais, no que concerne à natureza do *input* fornecido à criança, esses aspectos receberam especial atenção em estudos como, por exemplo, os de Oschs; Schieffelin (1997) que deram destaque à variação dos padrões linguísticos fornecidos à criança em função de variações sócio-culturais.

Segundo Schieffelin (2006), essa linha de pesquisa denominada *language socialization* (*socialização da linguagem*) possui numerosas variantes, mas assume, de um modo geral, que “part of such socialization being socialization to use language meaningfully, appropriately and effectively”. (p. 153)¹⁰

Para essa autora, “talk is one medium through which the interactional process of socialization and representation takes place”. (p. 155).¹¹ Assim, em situações socializantes, os pais, guardiões e tutores, por meio da palavra, “show children what to do and how to feel, make nonliteral statements literal, paraphrase in different ways what they and others have said, correct or *model what they want children to say and do*. (p. 155, grifo nosso)¹². Nessa perspectiva, “language socializes not only through its symbolic content, but also through its

¹⁰ “parte de tal socialização sendo socialização para usar a linguagem significativamente, apropriadamente e efetivamente”. (p. 153, tradução nossa)

¹¹ “falar é um meio pelo qual o processo interacional tem lugar”. (p. 155, tradução nossa)

¹² “mostram às crianças o que fazer, como sentir, tornam literais enunciados não literais, parafraseiam de diferentes modos o que eles e outros disseram, corrigem ou modelam o que querem que as crianças digam e façam”. (p. 155, tradução e grifo nossos).

use, i.e., through speaking as a socially and culturally situated activity”. (p. 155)¹³. Podemos inferir, então, que a língua constitutiva/determinante da fala da criança é aquela que lhe fornece o *input*, o modelo linguístico que ela deve seguir. No entanto, trata-se de uma “língua em contexto”, no sentido de que os padrões e estruturas linguísticas que servem de modelo à criança, num momento inicial de seu percurso linguístico, são concebidos numa explícita e íntima conexão a seus contextos sócio-culturais.

Com fundamento no que foi colocado antes, podemos destacar alguns pontos que aproximam os estudos exemplificados, respeitando-se, porém, as diferenças entre eles:

- O falante *comunica* à criança padrões linguísticos, ou seja, um modelo a ser por ela seguido. A própria noção de *modelo a ser seguido*, atribui a essa comunicação a marca de adaptação, ou melhor, cabe à criança adaptar (paulatinamente) sua fala a esse modelo
- O reconhecimento pela criança de um modelo a ser seguido, ou melhor, a sua escuta para padrões linguísticos na fala do outro, bem como a tentativa de adaptar suas produções a esses padrões, requer da criança um conhecimento que, na proposta de socialização da linguagem a que se refere Schieffelin (2006), recebe denominações, como, *social knowledge* (*conhecimento social*), *shared social knowledge* (*conhecimento social compartilhado*). Vale notar que tal proposta, conforme caracterizada por sua autora, torna mais visível o caráter comunicativo da chamada “língua de *input*”, com sua dimensão de adaptação e de conhecimento/reconhecimento, trazendo, inclusive, à tona a relação ensino-aprendizagem embutida na noção de modelo.

Como consequência dessa concepção, destacamos a exclusão, ou o apagamento, na escuta do investigador, da natureza *errática* (Lier-De Vitto, 2006) da fala inicial da criança, ou melhor, a exclusão de suas produções verbais imprevisíveis, heterogêneas, ininteligíveis, não transparentes. Ao que tudo indica, o erro é escutado pelo investigador em função da fala do adulto, ou melhor, em função do nível de adaptação ao modelo linguístico que é fornecido à criança, ou ainda, o erro é escutado como algo que se afasta ou se desvia (mais, ou menos) de um padrão linguístico.

Essa exclusão de produções infantis *erráticas* fica visível a partir de um episódio de diálogo entre mãe e criança fornecido por Deutch *et al.* (2001) de cuja transcrição será extraído um fragmento¹⁴. Tal diálogo ocorre durante uma tarefa de nomeação, por crianças gêmeas, de pessoas em fotografias. Não entraremos nos detalhes desse estudo, nos seus

¹³ “A linguagem socializa não apenas por meio de seu conteúdo simbólico, mas também por meio de seu uso, isto é, por meio da fala como uma atividade socialmente e culturalmente situada”. (p.155, tradução nossa)

¹⁴ Segundo informação dos autores, essa transcrição consiste numa tradução do alemão para o inglês.

5 – Conexão Letras, Porto Alegre, v. 18, n. 29, p. 01 - 15, jan-jul. 2023. E-ISSN 2594-8962.

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2594-8962.132791>

objetivos, resultados ou análises, uma vez que pretendemos tão somente ilustrar, no episódio recortado, a natureza da exclusão a que estamos nos referindo.

Participants: Simon B. (Target child), Mrs. B. (Mother)
 Sibling: Jonas B. (Twin)
 Age of Simon: 1;09.12
 Sex of Simon: male
 Task A, Condition: Self
 Mother: Let's look what is in it! Who is that? (showing photograph of Simon)
 Simon: Enna.
 Mother: Enna?
 Simon: ezä (= unintelligible speech)
 Mother: Please what's Enna's name?
 Mother: I didn't hear it. Say it again.
 Simon: einäeizä (= unintelligible speech)
 Mother: Enna with trousers, yes indeed.
 Mother: That was Simon, wasn't he... with trousers.
 (Extraído de Deutch *et al.*, p. 301)¹⁵

Nessa direção, destacamos que as produções da criança: *ezä* e *einäeizä* são caracterizadas como *fala ininteligível* (*unintelligible speech*) e, como tais, não entram na análise da fala infantil realizada pelos investigadores. Um dos focos dessa análise foi a tentativa de atribuir um significado à invenção infantil “Enna”, que é também produzida pelo irmão gêmeo do menino, nesse tipo de tarefa. Tal produção foi então interpretada como uma aproximação à palavra inglesa *either* (*ambos*¹⁶), tendo sido indagado: “what's Enna's name?” (p. 301) – (“Qual o nome de Enna?”), ou “Who is ‘Enna’” (p. 303) – (“Quem é Enna?”). Vale notar que a exclusão de produções *ininteligíveis* (*unintelligible*) ocorre a despeito de uma insistência por parte da criança, ou melhor, ocorre a despeito de ter o menino produzido, nos dois momentos, um padrão sonoro semelhante. Importa realçar que tais produções não poderiam ser consideradas do ponto de vista de uma adaptação (a), ou de um afastamento de

¹⁵ Participantes: Simon B. (Criança alvo), Mrs. B. (Mãe)
 Irmão: Jonas B. (Gêmeo)
 Idade de Simon: 1;09.12
 Sexo de Simon: masculino
 Tarefa A, Condição: Self
 Mãe: Vamos ver quem está nela [na foto] Quem é aquele? (mostrando a fotografia de Simon)
 Simon: Enna.
 Mãe: Enna?
 Simon: ezä (= fala ininteligível)
 Mãe: Por favor qual é o nome de Enna?
 Mãe: Eu não escutei. Diga de novo.
 Simon: einäeizä (=fala ininteligível)
 Mãe: Enna com calças, sim de fato.
 Mãe: Aquele era Simon, não era?...com calças.
 (Extraído de Deutch *et al.*, p. 301, tradução nossa)

¹⁶ Trata-se da tradução, para o português, do inglês *either* como pronome.

um determinado padrão linguístico, justamente porque seu significado não é transparente, isto é, elas não são inteligíveis. Em outras palavras, elas não poderiam ser escutadas como uma realização – ainda que imperfeita – de algum modelo linguístico.

Essa breve ilustração indica a exclusão de produções erráticas da criança, ou melhor, das sonorizações a que, claramente, não se pode atribuir um significado, de acordo com um modelo linguístico, tendo sido, portanto, privilegiado o conhecimento/reconhecimento de significados, isto é, a comunicação desse conhecimento/reconhecimento. Não parece demais repetir que a atribuição do estatuto de *ininteligíveis* desloca essas sonorizações para fora do âmbito da análise dos resultados da mencionada investigação. Dizendo de outro modo, a impossibilidade de atribuir um significado a essas produções imprevisíveis, de acordo com um modelo, implicou a *higienização* (termo usado por LEMOS, 1982) dessas produções sonoras iniciais da criança.

Com fundamento em Lier De-Vitto; Carvalho (2008) destacamos a assimetria que existe na relação entre o modelo e o dado de fala da criança. Como consequência, decorre a “eliminação das ocorrências irregulares” (MILNER, 2012); “[...] aqueles dados que não se ajustam ao modelo não podem ser analisados, são descartados e tratados como ‘irrelevantes’”. (LIER DE-VITTO; CARVALHO, 2008, p. 122)

Abordaremos, a seguir, a concepção psicanalítica de língua materna, concepção que assumimos e que se situa num eixo teórico-epistemológico bem diferente daquele que acabamos de indicar, tendo em vista nossa proposta na Introdução deste artigo.

2 A presença da *língua materna* no *vir-a-ser-falante*: os jogos de ressonância

A fim de entrarmos na questão da *língua materna*, a partir da proposta lacaniana, iniciamos com uma tentativa de cercar o conceito de *lalangue*¹⁷, uma vez que, nessa proposta, os dois conceitos se articulam de modo inseparável. O termo *lalangue* é uma invenção de Lacan (1975), tendo decorrido de um lapso por ele produzido em um de seus Seminários. Ao se referir ao *Vocabulário de psicanálise* de Lagache, enunciou *Vocabulário de filosofia* que foi escrito por Lalande, de que resultou *lalangue*. Por sua vez, nessa invenção, é de fundamental importância a sonoridade entre *lalangue* e *lallation*.

Para esse psicanalista:

Não é de jeito nenhum por acaso que na *lalangue* qualquer que ela seja e da qual alguém recebeu a primeira impressão, uma palavra é equívoca. Não é certamente por

¹⁷ Manteremos a grafia francesa (original) da palavra *lalangue*, sem traduzi-la para o português.

acaso que a palavra a palavra *ne*¹⁸ se pronuncia de uma maneira equívoca com a palavra *noeud* (nó). Não é de modo algum por acaso que a palavra *pas* que em francês redobra a negação, ao contrário de muitas línguas, designa também um *pas* (passo). (LACAN, 1985b, p. 5)

Mais adiante, o autor destaca a importância da maneira pela qual a língua foi falada e também entendida por cada pessoa, no sentido de que, quando ela é falada, dá lugar à produção de equívocos. Convém notar que Lacan (1975) se refere a *lalangue* como a palavra mais próxima possível da palavra *lallation*¹⁹. Assim, ganha destaque em *lalangue*, a materialidade sonora da palavra, isto é, os sons dos significantes e o jogo com esses sons que, no exemplo dado pelo autor (*ne – noeud; pas – pas*), aproximam-se produzindo um equívoco homofônico. Segundo Lemos (2014) a *lalangue* consiste no que há de canto na fala, ou seja, a melodia, o ritmo, as ressonâncias, estando fora do sentido e atravessada pelo afeto. A esse respeito, Milner (2012) destaca que esse termo denomina o lugar dos equívocos, ou melhor, “Lalangue é, em toda língua o registro que a fada ao equívoco” (p. 21). Assim, o equívoco, concebido como a possibilidade de uma palavra assumir, simultaneamente vários sentidos, faz com que uma locução verbal seja, *ao mesmo tempo ela mesma e uma outra*²⁰, estando presente em qualquer língua. Como consequência, segundo esse autor, ao vir à tona através de uma locução verbal, o equívoco provoca furos na estratificação da língua, provoca rupturas em seus padrões gramaticais, oferecendo-lhes, portanto, resistência, em virtude de sua própria condição de equívoco.

Para Milner (2012), a língua não cessa de ser desestratificada pelo equívoco que resiste à estratificação: “Tanto que, tendo em vista a própria língua, não faltam pontos em que a estratificação se suspende”. (p. 19) O autor chama esses furos na língua de *pontos de poesia*, fazendo menção ao equívoco constitutivo da criação poética. No entanto, seria por meio desses furos, dessas rupturas provocadas em estratos ou em padrões linguísticos, que a natureza equívoca de uma locução verbal poderia ser apreendida. É importante indicar que, para Milner (2012), o equívoco possui um uso amplo:

[...] fazer valer em toda locução uma dimensão de não idêntico. Trata-se do equívoco e de tudo o que lhe diz respeito: homofonia homossemia, homografia – enfim, de tudo aquilo que sustenta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas interlocuções.” (p. 17)

Por sua vez, esse autor deixa visível a indissociabilidade entre *lalíngua* e língua materna, em consonância com a proposta lacaniana (LACAN, 1985a), afirmando que “Sua

¹⁸ Primeira partícula de negação da língua francesa que se realiza com o *ne* antes do verbo e o *pas* após.

¹⁹ Com esse termo, denominam-se, em francês, as vocalizações iniciais do bebê – *lallation*.

²⁰ Em vez de *ambiguidade*, adotamos a noção de *equívoco* (ou *equivocidade*), no sentido aqui exposto, considerando que o equívoco é constitutivo de toda língua.

[da *lalangue*] figuração mais direta é precisamente a língua materna” (MILNER, 2012, p. 21). Nessa proposta, a criança recebe *lalangue* pela mãe, ou por quem cumpre tal função, havendo a mediação da materialidade implicada na *língua materna*.

Com suporte no que foi colocado, a *língua materna* concebida em seu estatuto de constitutiva/determinante da fala infantil, seria a língua por meio da qual se transmite à criança a materialidade sonora das palavras – os sons dos significantes dessa língua – e aquilo que permite operar sobre essa materialidade, ou melhor, os elementos que permitem jogar com esses sons, como por exemplo, a melodia, o ritmo, as escansões, as junções, as segmentações..., produzindo o equívoco.

Convém deixar explícito que essa transmissão se sustenta sobre o eixo epistemológico-conceitual do sujeito da psicanálise, sujeito do inconsciente, o que nos impede de tratar a chamada língua materna como estando vinculada a determinada ou determinadas pessoa(s) – mesmo que comumente ela esteja *encarnada* na mãe –, ao mesmo tempo em que nos impossibilita de concebê-la do ponto de vista da comunicação com sua dimensão de adaptação, de conhecimento, ou mesmo de ensino-aprendizagem, conforme colocado em relação à *língua de input* abordada anteriormente.

Convocamos, a esse respeito Lemos (2014) que, fundamentada na proposta lacaniana, destaca os *jogos de ressonância*, isto é, os jogos em que a mãe faz *eco* aos sons que vêm do corpo do filho. Realçamos então a expressão *jogos de ressonância* nos quais manifestações sonoras da criança ecoam na mãe, retornando à criança, como ecos, em um contínuo movimento circular, para depois ressoar/ecoar no interior da própria fala infantil. Tais jogos, nessa perspectiva, são constitutivos do falante, na medida em que, para Lacan (1985), *a ressonância da palavra é alguma coisa de constitucional*. A criança seria, assim, *capturada* por esses jogos, ou melhor, ela seria capturada pelo funcionamento linguístico que os constitui, de acordo com a proposta daquela autora.

Nessa perspectiva, Quinet (2012) realça que o “som da poesia se encontra na música de *lalíngua*”. (p.12). Esse autor usa a expressão *saber de lalíngua* que “é polifônico – escrito a várias vozes que *ecoam* na fala, no pensamento e no corpo do ser falante” (p.12, ênfase nossa), afirmando mais adiante: “Lá onde o sentido se esvai, desvela-se um novo cogito para o ser falante que é, em suma, um corpo cantante: *Eu sôo, logo existo*”. (p. 12, ênfase do autor) Recortamos, do que foi destacado antes, a noção de *eco* como constitutivo do falante, recorrendo a Porge (2014) que formula o que ele denomina o *estádio do eco*, concebendo-o como um momento estrutural na constituição do sujeito. Afirma, então, que o *estádio do eco*

estaria ligado ao *momento de passagem* do grito ao apelo e à palavra. Por sua vez, o eco pode ser psíquico, auditivo ou motor em graus diversos e simultaneamente. Ele pode ser consecutivo, simultâneo ou antecipado” e “não é sempre uma repetição estrita [...]” (p. 34)

Em relação ao *momento de passagem*, Porge (2014) se refere aos jogos de ressonância como “jogos de vocalizações” que abrangem uma grande variedade, incluindo desde as sonorizações iniciais da criança, como é o caso dos balbucios.

A esse respeito, diz que:

Entre o grito e a voz propriamente dita, há esse tempo de passagem pelo jogo das vocalizações, de balbucios, de gorjeios de lalações, o *motherese*²¹ ou o *parenthese* (pois isso não concerne somente à mãe) onde a criança joga com matéria sonora para seu prazer. Sabemos a que ponto a qualidade de interações sonoras entre o bebê e seus pais são capitais para seu desabrochar futuro. (Porge, 2014, p. 120)

Como consequência, podemos dizer que os jogos de vocalização, jogos de ressonância que constituem *lalíngua*, com sua dimensão de equivocidade, possui, na criança, uma anterioridade (lógica) em relação à palavra, ou melhor, em relação à língua em sua natureza estrutural, conforme concebida/fundada por Saussure ([1916]1995). No entanto, como já foi dito, o equívoco inerente a *lalíngua* provoca rupturas na língua constituída, a língua em uso numa determinada comunidade linguística, deixando-se escutar através dessas rupturas.

Retomando o que foi colocado antes, realçamos que a *língua materna* constitui a fala infantil, por meio do reflexo sonoro, ou do *eco* de seus significantes, na escuta da criança. Esses ecos formam, na fala infantil, fragmentos sonoros que se submetem a um intenso movimento pelo qual se associam/se dissociam, aproximam-se/afastam-se, dando lugar a toda espécie de equívoco.

Lembremos também que a maneira como esses significantes ecoam é muito particular a cada criança, pois dependem da maneira como a língua materna é falada, bem como da maneira como ela é escutada. Conforme se pode inferir, a noção de significante linguístico, por meio de seus ecos no corpo da criança, ocupa um lugar fundamental na *lalíngua* lacaniana. Por sua vez, Lacan foi buscar essa noção na teoria linguística formulada por Saussure, muito embora operando nela modificações, ou mesmo subseções, para que pudesse dar conta do sujeito do inconsciente freudiano. Recordemos que, na elaboração do linguista genebrino, o significado (ideias ou conceitos) e o significante (imagem acústica) constituem as duas faces do signo linguístico, não havendo, portanto, anterioridade de um em relação ao outro: não existem ideias preestabelecidas nem sons circunscritos de antemão. “cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma ideia se fixa num som e o som

²¹ Esse termo foi traduzido, em português, como *manhês*.

se torna o signo de uma ideia” (SAUSSURE, ([1916]1995), p. 131, grifo do autor). Trata-se, assim, de uma articulação indissociável entre essas duas faces, indissociabilidade indicada pela barra que as une no algoritmo que representa o signo: Significado/Significante (p. 133). Por sua vez, na proposta lacaniana, ocorre uma ruptura nessa articulação, na medida em que o significante se separa do significado, adquirindo primazia e tornando-se autônomo: [S/s (Significante/significado)]. Assim, a subversão lacaniana pode ser representada pela barra do algoritmo: enquanto para Saussure a barra indica união, para Lacan aponta para uma separação, ou mais ainda, para uma resistência – resistência à significação indicada por um *incessante deslizamento* do significado sob o significante.

Em suma, na proposta lacaniana, o significante é esvaziado de seu significado, conforme coloca Quinet (2008): “O significante é apenas o som da palavra esvaziado de sentido, como uma palavra estrangeira desconhecida ou o nome próprio que, embora designe, nada significa”. (p. 37)

Importa notar que é somente por meio dessa ruptura entre significante e significado que é possível se pensar em *lalíngua*, na perspectiva lacaniana, na medida em que, como já foi colocado, ela está fora do significado, ou melhor, ela é constituída pelas ressonâncias, pelos ecos dos significantes da *língua materna*. Por sua vez, essas ressonâncias podem ser apreendidas pelas rupturas que o seu caráter de equívoco provoca nas relações entre significante e significado. Não poderíamos deixar de realçar que Lacan tomou como ponto de partida o signo saussuriano, a fim de que pudesse elaborar sua noção de significante que produziu importantes efeitos na elaboração de tantas de suas propostas, ainda que tenha precisado operar mudanças, subversões. Vale notar que o psicanalista reconhece o mérito do linguista genebrino e sua dívida a ele. Destaca então que a ciência linguística, como toda ciência, é fundada por um algoritmo, no caso S/s, afirmando:

Para marcar o surgimento da disciplina linguística, diremos que ela se sustenta como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte: S/s Que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas.
O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure [...].
(LACAN, 1998, p. 500, grifo nosso)

Para dar alguma visibilidade empírica à marca de equívoco de *lalíngua*, faremos referência a fragmentos de fala de uma criança²², apenas a título de ilustração. Trata-se do caso de uma criança que, aos 18 meses, está sentada no berço, olhando em direção a seu pai que abre a porta do guarda-roupa do lado oposto do berço. Nesse momento, o pai volta-se

²² Trata-se de anotações de produções verbais de uma criança brasileira.

para a criança, dizendo: são as coisas de bebê (“bebê”). A criança, então, aponta para a porta (aberta) do guarda-roupa e diz “bibi” (semelhante ao som “bebê” e “abrir”). Podemos assumir que “bebê” se relacionou a “bi” – provavelmente aproximando-se de “abrir” ou, talvez, evocando o grupo sonoro (“bibi”), que é comumente referido à buzina de um carro. Assim, a palavra bebê do enunciado do pai ressoa/eco, na da criança, produzindo “bibi” (com o mesmo ritmo). Assim, escutamos esse eco com o equívoco que ele carrega, ou seja, não pudemos nos decidir, com segurança, sobre qual sentido lhe atribuir. Podemos dizer que essa ressonância/esse eco, justamente por seu caráter de não transparência, ofereceu resistência a nossa tentativa de aproximá-lo ao nome bebê dito pelo pai. Trata-se, portanto, daquilo que assumimos como sendo um jogo de ressonância, em que o som se sobrepõe ao sentido, ou melhor, em que o som, como marca da fala infantil, suspende o sentido, tornando-o não transparente, conforme foi discutido em XXX (2013, 2014).

Em outra ocasião, essa criança – também aos 18 meses – está no carro do avô, brincando com o cinto de segurança enquanto repete insistentemente: /kabow/, /kabiw/. /kabow/, /kabiw/... Começa, então, a brincar com a maçaneta da porta do carro, repetindo: /abiw/, /abow/. /abiw/, /abow/.

Nesse exemplo, as associações realizadas, pela criança, entre os segmentos dos dois grupos sonoros nos indicam ressonâncias/ecos de um grupo em outro. Em outras palavras, os segmentos sonoros de um grupo ressoam nos segmentos do outro grupo, constituindo, nesse jogo, semelhanças e diferenças fônicas entre eles. Assim, qualquer tentativa de aproximar algum segmento desses grupos sonoros a palavras da língua portuguesa – no caso, *abiu=abriu*, *cabou=acabou* – mostra-se frágil, ao escutarmos as ressonâncias, entre os grupos, o que aponta, então, para a natureza equívoca, não transparente dessas ressonâncias. Por exemplo, poderíamos atribuir a *abiu*, o sentido do verbo *abrir* no pretérito perfeito (inclusive porque a criança o produziu, mexendo na maçaneta da porta do carro). No entanto, ao escutarmos *abiu*, no jogo de ressonância de que ele participa, somos afetados por uma “corrente” (uma “onda”) sonora. Em outras palavras, na medida em que escutamos *abiu* como um eco de *cabiu* – o qual seria um eco de *cabou* que, por sua vez, ecoa *abou* – perde-se, nessa rede de ressonâncias, a possibilidade de lhe atribuir com segurança o sentido de verbo (*abrir*), desfazendo-se inclusive a dimensão referencial que poderíamos lhe atribuir. Vem à tona, portanto, nessa rede, a não transparência de *abiu*, sua equivocidade na fala infantil, ou melhor, sua materialidade sonora que chega à criança por meio de sua escuta para os

significantes da língua dita *materna*, sendo-lhe, portanto, interdita uma abordagem que se fundamente na comunicação, na adaptação, no conhecimento, conforme discutido antes.

Para finalizar este item, é importante indicar ainda os jogos de ressonância, na fala infantil, recortados por Lier-De Vitto (2006 e outros), em seus estudos sobre as estruturas paralelísticas²³ em aquisição de linguagem, em que as diferenças sonoras aparecem como parte do mesmo som. Nas palavras dessa autora, nos casos de paralelismo que investigou, buscou “dar relevo à jogada sonora que se impõe à fala da criança”, distinguindo “o jogo de composição/decomposição/recomposição da substância sonora” (p. 122), apontando, assim, para o intenso movimento a que está submetida a materialidade da palavra, na fala infantil.

4 Considerações finais

Relembremos que, na perspectiva que assumimos neste trabalho, a chamada *língua materna* – em sua função constitutiva/determinante da fala infantil – seria a língua por meio da qual se transmitem à criança a materialidade sonora de seus significantes e os elementos para se jogar com essa materialidade, configurando os *jogos de ressonância* com seu caráter *errático*, caráter de não transparência, de equivocidade, de heterogeneidade, constituindo a *lalangue* infantil. Dessa concepção, decorre, necessariamente, a consequência de que são as ressonâncias, os ecos nas produções verbais infantis que deveriam ser destacadas na escuta do investigador para a fala da criança. Por sua vez, nessa escuta, o caráter *errático* de tais ressonâncias impediriam que elas fossem consideradas em termos de adaptação – aproximação ou afastamento – em relação a algum modelo linguístico.

Essa consequência, conforme foi nossa pretensão, teria adquirido visibilidade ao ser confrontada com a consequência que advém de uma concepção diferente, na qual a língua constitutiva/determinante da fala infantil inicial fornece à criança o *input*: um modelo ou padrão linguístico a que ela está exposta. Assim, nessa perspectiva, as ressonâncias na fala infantil deveriam ser excluídas da investigação, na medida em que elas são equívocas, não transparentes, não podendo ser escutados à luz de um modelo linguístico, nem como produções adaptadas a esse modelo, nem como erros, isto é, produções que, em algum grau, se afastam ou se desviam desse modelo. Vale notar que a escuta para as produções verbais *erráticas* da criança do ponto de vista da adaptação a um modelo/padrão linguístico,

²³ Essas estruturas paralelísticas referem-se ao paralelismo, recurso de que lança mão o poeta, na construção de poemas, tendo sido destacado por Jakobson ([1963]/2008), em seu estudo da função poética como uma das funções da linguagem.

atribuindo-lhes significados, apagariam esse caráter errático, suspendendo, assim, a escuta para as ressonâncias nessas produções.

Desse confronto, pode-se inferir, ainda, uma diferença na posição ocupada pelo investigador, em sua pesquisa, na medida em que, na perspectiva que assumimos, ele não poderia se situar em um lugar de observador do fenômeno, ou melhor, em um lugar de onde ele observa as produções verbais infantis, atribuindo-lhes significados de acordo com um modelo ou padrão, ou melhor, aplicando esse modelo. Conforme se pretendeu exemplificar, as ressonâncias provocam, sobre o investigador, um efeito que é oposto à aplicação de um modelo, desde que se trata de efeito de ruptura do modelo, efeito de resistência que tais ressonâncias opõem ao modelo linguístico em virtude de sua marca de equívoco.

Como consequência da concepção de *língua materna* assumida neste trabalho, indagamos: não seria por meio desse efeito de ruptura provocado em um modelo linguístico que as ressonâncias de *lalangue*, com sua natureza equívoca, poderiam ser escutadas nas produções verbais infantis, permitindo ao investigador debruçar-se sobre elas, na tentativa de indicar o lugar que ocupam na transformação da criança de *infans* em falante?

Para finalizar, retomemos o destaque atribuído ao lugar ocupado pela concepção saussuriana de signo linguístico na leitura lacaniana do inconsciente freudiano, para formularmos ainda uma interrogação: esse destaque não estaria apontando para a importância de se considerar o cruzamento entre noções da linguística e da psicanálise, assim como os efeitos produzidos por esse cruzamento (por esses *pontos de poesia*) sobre a escuta da fala infantil pelo investigador da aquisição de linguagem?

Referências

- ARANTES, Lúcia. “Mother tongue”, “foreign language”, “first language” and “second language”: In search for distinctions and definitions. Trabalho apresentado no 14th International Pragmatics Conference, Antuérpia, Irlanda do Norte, 26-31 julho, 2015, International Pragmatics Association (IPrA).
- XXX. *Questioning the notions of shared knowledge and socialization in the field of Language Acquisition*. Trabalho apresentado na 13th International Pragmatics Conference, New Delhi, Índia, 8-13 setembro, 2013, International Pragmatics Association (IPrA).
- XXX. Espelhamento e diálogo: o lugar ocupado pela noção de *eco* em aquisição de linguagem. *Revista ProLingua*, vol. 9, n. 3, 2014.
- DEUTSCH, Werner; WAGNER, Angela; BURCHARDT, Renate; SCHULZ, Nina; NAKATH, Jörg. Person in the language of singletons, siblings and twins. In: BOWERMAN, Melissa; LEVINSON, Stephen C. (eds.) *Language acquisition and conceptual development*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 284-315.
- HOUWER, Annick. Bilingual language acquisition. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian (eds.). *The handbook of child language*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1995, p. 219-250.

- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, [1963]2008.
- LACAN, Jacques. Seminário 1971-1972: *O saber do psicanalista*. Tradução de Izabel Corrêa, Letícia P. Fonseca, Nanette Zmery Frej. Publicação para circulação interna. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1975.
- _____. *O Seminário, Livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985a.
- _____. Conférence à Geneve sur le symptom, 1975. In: Le Blocnotes de la psychanalyse, n. 5, Genf, 1985b. Disponível em <http://www.ecole-lacanienne.net>. Acesso em: 02-07-2015.
- _____. A instância da letra ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1998, p. 496-533.
- LEMOES Cláudia Thereza Guimarães, de. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação, *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 42, p. 41-69, 2002.
- _____. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da Abralin*. Recife: Ed. Universitária da Universidade Estadual de Pernambuco, v. 3, p. 97-136, 1982.
- _____. *Lalíngua*: acontecimento e transmissão. In: *Savoir faire avec lalangue*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Paris: Association de Psycanalyse Encore, 2015, p. 39-49.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca. “*Delírios da língua*”: O sentido linguístico (e subjetivo) dos monólogos da criança. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. (orgs). *Aquisição, Patologia e Clínica de Linguagem*. São Paulo: EDUC, FAPESP, p. 97-107, 2006.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca; XXX. O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Muller; FINGER, Ingrid. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 113-146.
- MILNER, Jean Claude. *O amor da língua*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi. O impacto da socialização da linguagem no desenvolvimento gramatical. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. *Compêndio da linguagem da criança*. Tradução de Marcos A.G. Domingues, 1997, p. 69-84.
- PORGE, Érik. *Voz do eco*. Tradução de Viviane Veras. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- QUINET, Antonio. Psicanálise e Música: reflexões sobre o inconsciente equívoco. [Música e Linguagem - Revista do Curso de Música da Universidade Federal do Espírito Santo](https://periodicos.ufes.br/musicaelinguagem/article/view/3597), v. 1 n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/musicaelinguagem/article/view/3597>. Acesso em: 23-05-2023.
- _____. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1916/1995.
- SCHIEFFELIN, Bambi B. *Language and Place in Children's Worlds*. Texas Linguistic Forum 45: 152-166. Proceedings of the Tenth Annual Symposium about Language and Society, Austin April 12-14, 2002. Disponível em: <http://studentorgs.utexas.edu/salsa/proceedings/2002/papers/schieffelin.pdf>. Acesso em: 23-05-2023.

Recebido em: 30/05/2023; **Aceito em:** 05/09/2023.